



Gaíato



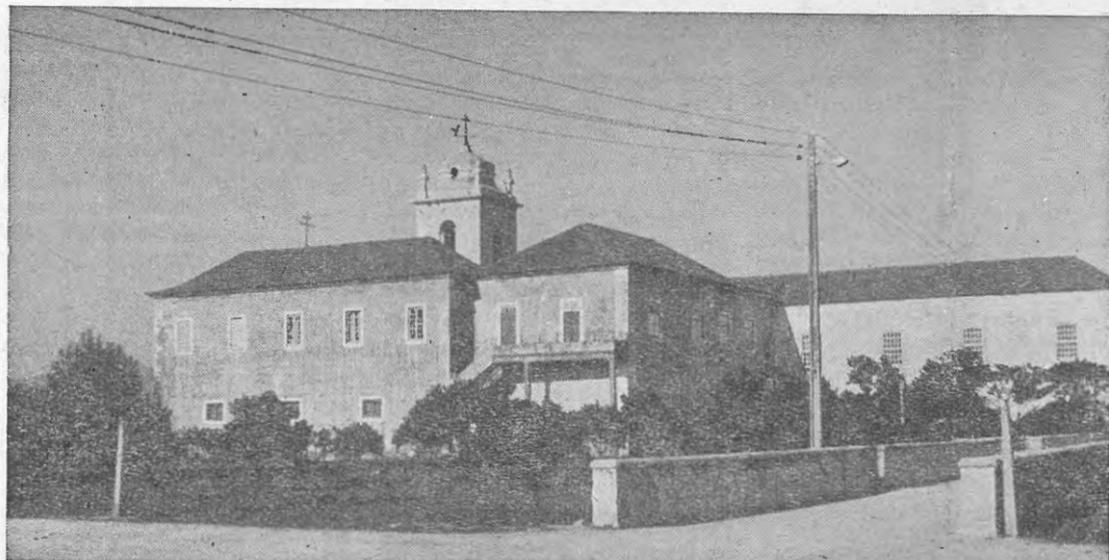
PORTE
PAGO

Quinzenário * 23 de Janeiro de 1982 * Ano XXXVIII — N.º 988 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



A Casa do Gaíato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal (Loures), começou sua existência oficial no velho palácio e elegante igreja patriarcais a 4 de Janeiro de 1948 — Dia do Santíssimo Nome de Jesus.

NOTAS DA QUINZENA

Com o coração triste — esta nota da quinzena. Morreu o nosso Tó. Nosso desde os 4 anos.

A morte colheu-o como a uma flor, na sua função de flor. Distribuía o nosso jornal na zona de empresas e fábricas da via norte (Porto), quando um automóvel o atropelou.

Morreu no seu posto, símbolo-Herói dos nossos distribuidores de O GAÍATO. Como Pai Américo numa curva da estrada, quando regressava dum trabalho de casas do Património dos Pobres.

Ficámos desolados... Mas temos Esperança! Não estamos construindo aqui na terra os nossos jardins, os palácios e bem-estar. Trabalhamos, sim, no plano da Vida Eterna.

Tivemos um Natal tão cheio de mimos, de paz e de alegria... Foi o que desejámos aos nossos Leitores e Amigos. Este, o melhor desejo — neste mundo e momento tão conturbado pela violência, opressão, ambição de ter mais e a fuga de Deus. Muito perto

do grande redemoinho, temos a impressão de que nos vai faltar o pé... Queira Deus que não.

A dificuldade em abraçarmos o Bem — faz nascer angústia dentro de nós:

Falamos de paz e não temos coragem de a construir!

Falamos da fome do mundo e não há meio de acabar com ela!

Temos horror à guerra e armamo-nos todos os dias!

Sentimos nojo da política, mas todos gritamos pelo nosso partido, em vez de pelo bem comum!

Que o Senhor ajude cada um de nós:

A renascer para a Fé!

A reencontrar a Esperança!

A sentir, evidente e viva, a certeza da Eternidade.

Não temos nem fazemos projectos para o novo ano. Só continuarmos esmagados e aflitos de novo dia a dia. Estar. E que Deus nos ajude a vencer a tentação de fugir.

Há dias, cheguei ao Calvário às 9h. P.e Baptista já tinha dado banho (de pés à cabeça) a trinta doentes. O Manuel, único que ajuda nos homens,

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

Oito anos após o início da Obra da Rua, em Miranda do Corvo, mais precisamente no dia 4 de Janeiro de 1948, esse ano Dia do Santíssimo Nome de Jesus, começou esta Casa do Gaíato a sua existência oficial. Já lá vão, pois, 34 anos.

Como não podia deixar de ser, assinalámos a efeméride. Foi no fim do dia. Reunidos na nossa improvisada capela quisemos agradecer a Deus e aos Homens todo o bem recebido ao longo do tempo, lembrando Vivos e Mortos, de dentro e de fora. Na patena chorámos também os nossos pecados e infidelidades, porque colocámos e nos nessas necessidades, aspirações e anseios. No refeitório, engalanado em virtude da época, refeição melhorada e fraterna, ao som de música, pôs termo ao dia.

Ao dar conhecimento daquilo que acima se narra, não queremos deixar de salientar que, por imperativo de amizade e de gratidão, também estivestes presentes, quer acréditais ou não no realizado. Para nós, o momento de maior importância com os Amigos é sempre no Altar, que é ele que nos aguenta, fortalece e anima.

A época natalícia foi um desabar de misericórdia divina, traduzida através dos homens. De modos variados e revestindo os mais diversos matizes o Senhor Se manifes-

tou. Intermediários frágeis e indignos, obrigados ao silêncio respeitoso pelos gestos admiráveis de que fomos e somos testemunhas, temos de calar muitas coisas grandes e cheias de beleza. Que Deus nos ajude a sermos fiéis e a corresponder à confiança em nós depositada, quando os nós e as canseiras vão aumentando e as forças já nos vão faltando.

Já aqui dissemos em palavras sucintas o que pensamos das greves. Autoridades insuspeitas e de grande craveira moral e espiritual já ao assunto se têm referido. O direito expresso no artigo 59.º da Constituição não tem um valor absoluto e não pode pôr em causa outros direitos também expressos no mesmo documento. Por exemplo, o artigo 73.º diz-nos que «todos têm direito à educação e à cultura» e o 74.º «reconhece e garante a todos os cidadãos o direito ao ensino e à igualdade de oportunidades na formação escolar».

O recurso à greve explica-se como medida última de defesa dos interesses dos trabalhadores, mas tem de ser ponderado e visto em função dos interesses gerais em causa. Se todos têm direito ao trabalho (artigo 51.º), também «o dever de trabalhar é inseparável do direito ao trabalho».

Vêm estas notas a propósito daquilo que consideramos um agravo aos alunos e aos pais ou encarregados de educação

pelo facto de alguns senhores Professores terem retido as avaliações escolares referentes ao período escolar passado, com profundas e sérias consequências para todos e colocando os pais e encarregados de educação, para lá dos estudantes, numa situação trágica e impossibilitando-os de acompanharem devida e adequadamente os eventos escolares. Algumas centenas de pessoas prejudicam assim, porventura, os direitos de muitos milhares, em nome de «exigência do respeito pela sua dignidade pro-

Cont. na 4.ª página

SETÚBAL

A quadra natalícia surge na Casa do Gaíato como o período mais apetecido pelos rapazes.

Eles têm razão. Não é só a ambiência espiritual que o clima natalício comporta. É toda a riqueza expressiva da solidariedade humana de que toda esta grande família é objecto e que atinge os sentidos de cada um, dando significado pleno ao acontecimento central que se comemora.

Se não houvesse Natal não

haveria Casa do Gaíato. Se aquela é a prova máxima do amor de Deus aos homens, esta é uma das suas concretizações. O amor vem de Deus; mas germina, pela força do Seu Espírito, no coração de cada homem. Nós somos disso testemunhas e testemunhamos.

Aparecem homens de vários credos. Juntam-se pessoas de diferentes ideologias. Congregam-se trabalhadores de todos os ramos de actividade. Desde

as crianças aos idosos, de toda a parte do País nos chegaram sinais de participação e carinho. Como no grande presépio que os rapazes fizeram no pátio da capela, com as figuras a caminhar para a gruta, assim eu fui sentindo pessoalmente, pelo correio, pelos recados e envelopes a multidão, impelida pela força do amor, a dirigir-se a esta Obra.

Lágrimas, encorajamento, humildade, anonimato, pedido de oração, promessa de preces emmagam a nossa pequenez e mendicância e manifestam toda a riqueza interior que motiva as pessoas.

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

ANIVERSÁRIO DA OBRA — No dia 7 de Janeiro fez 42 anos que Pai Américo fundou a Obra da Rua. O aniversário foi festejado com celebração da Missa, pelas 6 horas da tarde. Durante a homilia sr. P.e Telmo falou de Pai Américo, da Obra da Rua e da importância do Rapaz na mesma.

Definida por Pai Américo como «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes», às Casas do Gaiato pertence fazer de cada Rapaz um Homem útil à sociedade.

FÉRIAS — As férias, em nossa Aldeia, têm o sabor do trabalho de todos os dias. Os estudantes que estão no Lar do Porto vieram para Paço de Sousa, ficando assim a comunidade completa.

Para os estudantes nocturnos, as férias foram muito bem vindas, pois durante estes dias puderam descansar um pouco e reabastecer as energias para um segundo período escolar que é, sem dúvida, o maior e mais esgotante. Será necessário estudar com grande afinco. Depois, um terceiro período que será para confirmar quem transitará de ano ou ficará no mesmo.

No período que findou tudo correu bem. As notas foram razoáveis, havendo alguns do primeiro ano que não conseguiram habituar-se ainda ao ambiente do Liceu; mas este problema é superável e espera-se que, neste período, todos trabalhem e melhorem os resultados finais.

DESPORTO — Realizou-se em Cête um Torneio/Convívio Fim d'Ano, organizado pelo Grupo Juvenil de Cête. Participámos na prova.

Quanto ao Futebol realizaram-se no mês de Dezembro dois jogos: empatámos um por 4-4; e ganhámos outro por 4-1. Nestes jogos, e como mais de que uma vez já foi salientado, não interessa o resultado; o importante é que procurem conviver



Meno e esposa no dia do seu casamento.

conosco e, realmente, gostem da visita.

Esperamos outras equipas que queiram defrontar a nossa.

LIMPEZA — A limpeza da nossa Aldeia é um trabalho realizado pelo «grupo da lenha», que tem por chefe o «Chinês». Eles varrem com as suas vassouras de giestas, as avenidas e cantos da Casa. Mas acontece que a Aldeia, às vezes, suja, aqui e ali, é por falta de atenção do chefe do grupo; e outra parte cabe a todos nós que nos descuidamos, em vez de pormos o lixo nos caixotes espalhados pelas nossas ruas, deitamo-lo para o chão, desprezando o trabalho simples, mas feito com o esforço dos mais pequenos.

Vamos tentar melhorar, colaborando com eles, não deitando papéis ou qualquer outra espécie de lixo no chão; e chamar a atenção para algo que precisa de ser limpo e por esquecimento não o foi. Mãos à obra!

TEMPORAL — O mau tempo deixou marcas em nossa Aldeia. Várias árvores caíram e estivemos quatro dias sem energia, o que provocou um atraso na impressão do jornal, compensado por uma seroadá.

A avaria foi provocada pela queda de vários postes de alta tensão. E foi preciso insistir com as entidades responsáveis para repararem as avarias!

Não foi só em nossa Aldeia que o temporal se fez sentir, mas pelo País fora. Quem mais sofreu foram os Pobres, com telhados de zinco, no interior do País ou nos bairros de lata das cidades.

«Régua»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Nas vésperas d'Ano Novo recebemos SOS de moradias do Património dos Pobres.

— «Uma árvore ameaça tombar sobre a casa...!»

Fomos. Se Zé está à lareira e a mulher nas lides domésticas. Quando nos vê, é um abrir d'alma! Muitas pedras dos edifícios da nossa Aldeia, em Paço de Sousa, rolaram carinhosamente por suas mãos. Dantes, com mais vida, ele aí vinha, quase todos os domingos, apoiado na bengala, rever muito do seu esforço. Parava aqui, parava ali — em meditação. «Esta Obra é um milagre!...» — afirmou-nos um dia. «Naquele tempo, lembra-se?, Pai Américo matava-nos a fome como ninguém! Eram taleigas de milho... Era jorna certa... Era trabalho que não havia noitros lados...»

Enquanto fala, sorri. Expande, na face, a Graça de Deus. São encontros que dão Vida! Sem proselitismo, sem alta Teologia, ele, se Zé, que tampouco conhece as letras do alfabeto, comunica por palavras suas, em discreta mansão do Património dos Pobres, que Cristo é — e veio salvar-nos. Quantas vezes saímos de lá ruminando como Deus Se serve dos Pobres para Salvação dos bem-instalados!

● Ao lado da moradia de se Zé, um pequenino Calvário. Está lá curtindo doença incurável — quase sem visitas, de quem deveria confortá-lo — um homem que foi bombeiro, que ajudou a salvar vidas e haveres...

A mulher, no entanto, com enorme sacrifício, trata-o com muito carinho — noite e dia. Tudo limpo e asseado: corpos, roupas, moradia.

— «Sofremos muito com o temporal!... Venha cá ver...»

Parte da beirada foi pelos ares. Logo que o tempo amaine, será reparada.

— «Venha cá dentro. Olhe pràs paredes...»

O telhado será passado a pente fino, também.

Quando nos vê, o doente mostra uma satisfação incontida! — «Está sempre a perguntar por V.!...» — exclama a mulher. Contudo, a visita periódica do vicentino alivia, moral e materialmente, pois a pensão de reforma do homem é miserável. E ela esgravata quanto pode, a fiar meadas. Quadro que se perde nos tempos, mas se enquadra perfeitamente em moradias do Património dos Pobres.

Se Pai Américo fosse conosco, decerto teríamos um belo poema à fiandeira!

● Ela ainda não recuperou da saúde do filho que Deus levou, em acidente de viação. Dor agravada por carências que sobrevieram, na medida em que o moço era o amparo dos pais — já de si doentes. Mas o recoveiro dos Pobres visita o casal periodicamente — e alivia a cruz. Hoje, ela quer escrevermos uma carta à seguradora, para que despache «alguma cousa» — reconhecendo, porém, a culpa do filho no desastre. «Ao menos, uma ajuda prò funeral...»

Seguiu carta. Mas sem fé da nossa parte. As seguradoras são empresas comerciais onde impera o lucro; e onde o Homem é reduzido a cifrões. Pode ser que a gente se engane — neste caso. Pode ser. Deus permita que sim!

PARTILHA — Da Rua 9 de Abril — Porto, «Amigo velho», d'alma e coração conosco, divide cheque também pelos Pobres. Assinante 26658, de Ponte do Cove, 200\$00. P. M., de Coimbra, 500\$00. Vale de correio, de Mem Martins, «pequena ajuda, dada com muito amor, para qualquer necessidade urgente». De um caudal de Miramar, «pequena contribuição» com muita amizade. Cheque da assinante 5585. Mortágua, mais um, agora de 1.500\$00 «como prenda de Natal». Outro do assinante 27177, de Lishoa. «Uma portuense qualquer» com «migalhinha» de Dezembro, «acrescida de outra igual para ajuda das despesas nesta quadra festiva». Assinante 23547, 500\$00. A «partilha habitual» da assinante 5693, de Paço de Arcos, «acrescida de uma oferta»: 3.650\$00. Rua da Lapa, Lishoa, 200\$00. «Para ajudar aquela Viúva que vive com muitas dificuldades», remessa da assinante 27073. Fundão:

«Quero começar o ano com uma chicotada no meu egoísmo — que tanto me têm ajudado a vencer. Aí vai cheque para os Pobres e os milhares votos de um bom 1982. Que bom seria este ano, se ele iniciasse

a evolução que levaria a sociedade a não serem necessários vicentinos, Obra da Rua, etc.!»

Assinante 30746 manda cheque para dividir «pelo que vos parecer mais necessário. O vosso critério é o mais certo».

Só mais duas notícias: A moradia para a mulher separada do marido caminha para o fim! O electricista já montou instalação eléctrica — mais de 30 contos. O picheleiro aguarda retoques do trolha e não tarda a facturuar. A caixilharia, entretanto, ficará pronta. E o homem dos estores é, naturalmente, mais rápido.

Para a inválida das «canadianas», uma presença do Porto; outra de Portimão — nome hem conhecido. Vamos procurar enviar cinco contos por mês à pobre doente e velha Amiga da Obra da Rua, como e até quando Deus quiser.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

SECURAL

«MOCA» — Eu estava em Lisboa, distraído a ver montras. Sem contar, sinto uma batidela nos ombros. Olhei, e dei de caras com um dos nossos. Era o «Moca»... É o Pedro.

Perguntei-lhe pela vida. Responde:

— «Ando a trabalhar; ando no duro. Tem que ser...»

Conversei com alegria por via do «duro».

Era hora de ponta. Trazia a tiracolo a bolsa do almoço. Ia p'ra casa. Regozije-me pelo normal da vida deste rapaz. Perguntou-me por este

Deseje

Deseje transformar

O lixo e o bolor

Em pão e amor!

A extrema solidão

Em humana comunicação!

A precoce tristeza

Em suavidade e beleza!

Não se importe

Que lhe chamem purista

Ou sentimentalista.

Responda qu'este sentimento

É inteligente.

Deseje transformar

As tristes lágrimas

Em amigáveis contactos!

O tédio

Em alegria e crédito!

As diferentes guerras

Em orquestras e guitarradas!

Os males deste mundo

Em fraternidade e justiça!

Não se importe

Que lhe chamem purista

Ou sentimentalista.

Responda qu'este sentimento

É inteligente.

Manuel Amândio

e por aquele — rapazes do seu tempo.

Ele «fugiu». Os outros permanecem e elevaram-se. O espanto dele, a saudade deste Pedro que se abre e me pergunta se pode «lá ir quando puder!»

Filhos queridos estes, mais outros que não sabem dizer o que lhes vai dentro.

— «Ando no duro.»

Eu fiquei pequenino por causa deste «duro»!...

Mais um teste p'ra nós que nos julgamos sahichões na matéria.

Eles pertencem a uma «tribo» marcada. O fruto está muitas vezes escondido. O Pedro dá testemunho. Outros dão-no em silêncio, envergonhados como o filho pródigo.

OBRAS — A casa 2 já está habitada. Foi na noite de Natal a sua inauguração. O mesmo conforto da casa 1 e da casa-mãe.

«Que bem se dorme aqui!» — disse o Raimundo, depois de saborear o leite.

Agora vão seguir-se as obras noutra sector, a que chamaremos a casa 3. Depois, será a casa 4. O nosso arquitecto já deu recado do melhor que havemos de fazer. Esperamos por uma palavra do nosso engenheiro.

Os que já sentem o conforto, saboreiam-no. Os que ainda não o têm, ambicionam-no — com todo o direito.

DOIS CASOS — Chico e Gabriel foram à inspeção militar. Depois de algum tempo de serviço, Chico é mandado embora por incapacidade. Física? Não. Ele é saudável e perfeito, fisicamente. O atraso é intelectual. Não serviu. Foi arranjar trabalho na construção civil. Ao fim d'alguns dias mandaram-no embora.

É a semente das barracas de família, decepadas por gente bem instalada que não aceita os filhos da lama como membros da sociedade em que vivem.

As Casas do Gaiato vêm parar destes filhos que a sociedade bem instalada rejeita.

BUROCRACIA — Noutra dia, recebemos carta dum Tribunal de Menores. Pediam informações dum pequenito que veio p'ra nós. Não sahemos as intenções. Eu tenho que dizer a verdade. Tenho muito mal a dizer dos Tribunais. Pedir informações dum pequenito de 7 anos como se ele fora um delinquente!

Eu já tinha informado os nossos leitores desta avezinha assustada. Torno a dizer que vai sendo um igual aos outros que brincam, trabalham, vão à Escola, jogam à bola e à bulha...

O melhor, era o Tribunal vir ver estas andanças e acabar com burocracias...

Sousa Neves — Eu estava na cozinha a arranjar um tubo da água. Sousa Neves aparece e queixa-se que não sabe o que há-de fazer a A e a B que habitam a casa 1.

Ele é o chefe desta casa. Tem



CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

Antes de mais, votos de boa saúde e bem estar pessoal na espinhosa missão de continuar a educar os mais desprotegidos.

A família por cá, menos mal graças ao Salvador.

Tenho dois rebentos — um casal — como terá oportunidade de observar pela fotografia que irei oferecer. Continuo a exercer serviços no Hospital Central como enfermeiro de 1.ª, precisamente na Secção de Reanimação onde já estou há mais de dois anos. Tencionam transferir-me para o Bloco Operatório. Na verdade estou cansado de trabalhar nos Cuidados Intensivos. Antes, prestei trabalho durante dois anos na Oftalmologia e sempre gostei daquilo. Tanto mais, até na altura tencionava ir a Luanda e tirar a especialidade que é de ano e meio; mas, por capricho ou incompetência, o chefe tirou-me a possibilidade de seguir a carreira de oftalmologia quando, na altura, eu já resolvia 30% das enfermidades dos olhos, 80% das refracções e era enfermeiro circulante n.º 1 em todas as operações. É lamentável; mas... seja o que Deus quiser.

Presentemente tenho uns pequenos conhecimentos de

Medicina Desportiva. Adquiri-os através da Secção de Formação de Quadros da Secretaria de Estado de Educação Física e Desportos. Foi um curso para massagistas desportivos administrado, em Luanda, pelo Professor Mendes Ferreira, médico português que, actualmente, reside em Lisboa. Nas horas vagas exerço massagem no nosso querido G. D. R. OS GAIATOS que, este ano, mais uma vez, não conseguirá ascender à 1.ª divisão, pois ficou em 5.º lugar nos Provinciais. Enfim, um ano p'ra esquecer. Mas, prò ano a coisa parece que vai e vamos dignificar bem alto este grande nome que orgulhosamente representamos. Mas nem tudo foi mau. Hoje os Gaiatos têm a honra de ter um massagista internacional e provincial, pois fui o único que, na Província, prestei trabalhos nos 2.ºs Jogos da África Central, na Seleção Nacional de Voleibol. E onde quer que eu vá, comigo sempre o fato olímpico que nas costas traz o nosso símbolo — Os Gaiatos.

Foram algumas passagens da nossa vida, ou melhor, da minha vida. Actualmente gostaria imenso de gozar umas

férias em Portugal, não só para matar saudades dos velhos amigos e irmãos, mas, principalmente, para conhecer algumas Casas nossas. É um grande desejo. Mas não tenho quem me mande um certificado de residência, único docu-



Dois rebentos do Solano

mento que me entrava neste momento. A única família que aí tenho são as Casas do Gaiato como mãe e os rapazes como irmãos.

O nosso querido Padre Manuel continua a trabalhar bastante nestas terras. Ainda hoje fui até ao Mosteiro, eram 11,30 h, e não tinha chegado desde as 7 h que tinha saído. Mas já lá estavam alguns homens da S.ª da Graça a pedir transporte para levar uma mulher que está para dar à luz desde as 4 da manhã e outro grupo logo atrás a pedir chapas de lusite porque suas casas estão sem tecto, é altura de chuvas e não têm possibilidades de as adquirirem no mercado, por carência. É este o quotidiano dos srs.

Padres Manuel e Zé Maria.

No dia da Obra — 16 de Julho — não nos esquecemos da data e estivemos, quase todos, reunidos com as nossas famílias ao fim do dia, na nossa sede desportiva. Eu, na altura, encontrava-me em Luanda nos últimos preparativos para os Jogos d'África e consegui dar uma saltada até Benguela. Foram dois dias... E cheguei mesmo a tempo e horas.

Queira aceitar, sr. Padre, um forte abraço deste vosso filho que não deixa de enviar fortes abraços aos gaiatos mais novos. Boas Festas e Feliz Ano Novo.

Solano

TRIBUNA DE COIMBRA

As festas de Natal matamos muitas saudades e deixamos muitas saudades. São dias sempre cheios. As grandes famílias sentem-se ainda maiores nestes dias. Todos dias de festa. Todos fazem a festa. Os que vêm e os que estão. As nossas Casas escaldam nestes dias.

Já muito tempo antes, o correio vai trazendo mensagens e as pessoas começam a aproximar-se com mais frequência. Todos se vão preparando. Nós também tivemos de andar e procurar. Comprámos cobertores por 60 contos e lençóis e toalhas por cento e dois; bacalhau por vinte e quatro mil e cinquenta escudos; demos outra corrida a Mira e trouxemos trinta caixas de maçãs por nove contos, mas já tínhamos trazido sessenta caixas oferecidas; fomos às Fábricas Triunfo, à massa, por um cheque; da Unacel trouxemos dez grades de laranja por cinco notas; na Cooperativa de Moagens carregámos vinte sacos de farinha por quinze contos e tal; no armazém de mercearias comprámos muitas coisas para as boroinhas; esperámos muito tempo numa pastelaria onde nosso Humberto tinha encomendado o grande bolo-rei que ele sempre costuma oferecer; um carro muito discreto deixou um peru no nosso Lar; da minha aldeia vieram muitas abóboras para as filhós; da Casa do Castelo trouxemos muitos envelopes e muitos embrulhos.

Ao nosso Lar foram muitos, muitos Amigos. Um grupo muito simpático foi o das crianças e três professoras da Primária do Colégio de S. Teotónio com suas prendas para os nossos meninos, todos com os olhos muito abertos e encantados ao verem os nossos estudantes a fazer toda a vida da Casa. O Colégio da Rainha Santa tomou à sua conta o abastecimento de parte da

nossa despensa e dos nossos agasalhos e juntaram uma carrada para a nossa Ford. Coisas tão boas e tantos frutos de amor!

No domingo de festa dos Reis, a nossa Capela, a sala de jantar e a Casa encheram-se com a Fraternidade de S. Francisco, de Tomar. Já o ano passado vieram e este ano quiseram voltar. É sua visita como a dos Reis ao presépio. Ver, adorar e oferecer prendas a Jesus Menino. Veio uma pequena multidão: pessoas doentes do Lar de acolhimento e muitos outros Amigos que sempre encontramos nas nossas Festas em Tomar. Vieram carregados de embrulhos de roupas, mercearia, muitas lambarices e um embrulho de dinheiro.

O primeiro encontro foi na capela, à volta da mesa do Pão do Céu que o Pai reparte connosco na Eucaristia. Foi encontro de muita festa. Depois, foi na sala de jantar. Partilha de farneis. Mais alegria na partilha. Depois foi no salão. Cantares e palmas e os nossos pequenitos a brilhar. Depois, foi a despedida longa com acenos de mãos que ficaram no coração de todos nós.

Esta Fraternidade quis, nesta visita, louvar o seu Santo Francisco de Assis, em mais um centenário. Francisco de Assis o pobre apaixonado por seu Deus e Senhor tão presente na vida dos Pobres! O grande cantor da vida de Pobreza! O apaixonado que também tanto apaixonou Pai Américo! Francisco de Assis que continua a ser luz para todos os que são ou querem ser pobres por amor.

Por todas estas maravilhas — e por todos os dons de Deus que não sabemos revelar — louvamos o Senhor.

Padre Horácio

lá deles que por muito que se explique, por muito que se repreenda, repetem as mesmas coisas. Só pude dizer ao Sousa que tivesse paciência e persistência. É o que nos falta no meio de toda esta vida.

Noutro dia, ouvi dizer que a Casa do Gaiato é muito bonita, mas é «vista de fora».

É verdade: cá dentro, existe o «duro». O duro que tem que ser repartido por alguns deles.

Quem tiver mais paciência e que sinta a nossa poesia que incite o Sousa Neves.

Ele, são todos obreiros nestas colmeias que são as Casas do Gaiato.

Ernesto Pinto



NATAL — Mais uma vez celebrámos um dos maiores acontecimentos verificados na história da vida humana: o nascimento de Cristo — o Messias prometido, Salvador e Redentor do Mundo. Na véspera foram feitos todos os preparativos: filhoses, broinhas, doces; arrumar a sala de jantar de modo a poder receber qualquer pessoa ou família que viesse até nós, o que aliás aconteceu.

Todos tomámos banho, mudámos de roupa e depois da oração da tarde — o Terço — fomos jantar: batatas com bacalhau — refeição tradicional e característica deste dia. O bacalhau fresquinho e muito bom, deu uma certa alegria e aparência a toda a refeição e até foi motivo de conversa.

Depois de tomado o alimento corporal, preparámos a refeição espiritual com o ensaio dos cânticos, para

a Missa do Galo. Quando tudo se encontrava preparado, e chegada a meia-noite, dirigimo-nos em procissão à nossa capela, onde partilhámos da Palavra do Senhor — Alimento espiritual — e celebrámos o Nascimento de Jesus Cristo. Toda a cerimónia decorreu, como de costume, com boa disposição e vivacidade das pessoas, com alegria e em ambiente de festa espiritual; enfim, tudo normal e simples. No final da celebração, beijámos a imagem do Menino Jesus e cada qual regressou ao seu lar.

O nosso presépio também havia sido terminado na véspera do Natal, ficando interessante, com iluminação e com o característico ambiente de presépio. Também o presépio que há um ano havia sido montado no nosso jardim da piscina, foi agora montado de novo.

No dia de Natal levantámo-nos mais tarde do que o costume; e, depois de recebidas as prendas, começou o movimento do dia: uns, que à noite iriam fazer parte da festa, tinham que ensaiar; outros, que tinham os seus brinquedos e que nada tinham que fazer, iam para o muro do campo e ali se entretinham brincando uns com os outros, montando empresas, etc...; outros arrumavam a casa; outros, ainda, davam de comer ao gado, faziam o nosso almoço, etc.

Ao meio dia desprendemo-nos das ocupações em que estávamos, para nos reunirmos na capela novamente; mas desta vez com a simpática presença do Bispo de Coimbra, senhor D. João, que de há dois anos para cá tem reservado parte do dia de Natal para estar connosco. Rezámos, louvámos o Senhor, cantámos e o senhor Bispo — que presidia à celebração — falou do Natal, das prendas e deu-nos uma palavra de Esperança, de alegria, de ânimo e con-

forto. Falou também da necessidade de Paz no Mundo.

O senhor Bispo ainda passou a tarde connosco, depois de ter almoçado à nossa mesa. Também ao almoço se encontrava já um considerável número de rapazes que tendo sido da Casa já nela não vivem e passo a nomear: Américo com esposa; Filipe; «Zézinho» (que estivera no Calvário); Lita com a namorada; Benjamim; Fernando com esposa; «Bolinhas»; Carlos Manuel com esposa e filhos; Vitinho com esposa; Bandarra com esposa; Manuel António com esposa; Martins com esposa; João Aurélio com esposa e filhos; Nelas com esposa e filhos; Luiz com esposa; «Banana». Depois foram aparecendo outros: Zé Domingos com esposa; «Zé Gordo» com esposa e amigos; amigos que, de Tomar, têm vindo todos os anos até nós; senhor Major, nosso amigo; irmão do Bandarra com esposa; enfim, uma verdadeira festa este encontro familiar!

O jantar foi mais cedo para que fosse possível a realização da festa habitual, à noite (como se havia projectado), com a presença dos rapazes antigos, amigos e os nossos. A festa, no nosso salão, foi bastante divertida e participada com canções, peça de teatro séria, palhaços, anedotas, toque de flautas... Creio ter sido um dia bem passado, pelo menos para quem o soube aproveitar.

Termino, desejando um Ano Novo cheio de paz, amor e muita prosperidade; e gostava que toda a gente soubesse ver em cada homem (rico ou pobre) um irmão a quem amar, e ajudar em qualquer circunstância da vida; porque, conseguindo isto, teremos a Paz que todo Mundo reclama.

Carlitos

SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

Uma velha Amiga, de Setúbal, abre a lista com 5.320\$. Para a TV a cores, da casa 2, chegaram, de vários lados, 31 contos. Um amigo inquiriu: — «Quanto têm?» Ele deu mais um conto. Foi para a Casa. Conversou com a esposa — que muito nos ama também — e apa-receu-nos com o aparelho: — «Dê-me os 31 contos e tome lá a televisão». Não pode. É reformado. Vinha a transbordar de alegria. Um magnífico écran. Uma imagem belíssima. Os rapazes deliciam-se. Noutra casa eu pedia: — Deram-me um televisor a cores; você tem de

me dar uma antena. Resposta franca e pronta: — «Escolha o que quiser e leve cabo e tudo o que for preciso».

Um casal idoso, sempre presente nos grandes momentos — vinte contos. A mesma quantia, em cheque, dum senhor de Montemor e outro tanto deixado na mão do Pároco da Anunciada. O Bispo da Igreja que me ordenou, num gesto novo e cativante, manda-nos um cheque de 25. É a comunhão das Igrejas. A mesma quantia dos nossos analistas e a disponibilidade de sempre. Um anónimo que se fez assinante, escondeu-se e deixou 53 contos. Cinquenta, também, do marido de uma velha Amiga que o ano passado repetira a dádiva, com a pergunta: — «Você aceita o donativo dum renegado de Deus?» Deslumbrou-se com a minha resposta: — O Deus em Quem acredito não tem nenhum renegado; todos são filhos.

Dez notas de cinco por alma do Pai, foi a recomendação do filho de outro velho Amigo que partiu, há tempos, perpétua-mente, para a Eternidade.

Dez mil entregues ao sr. Padre Carlos; outros para a TV a cores; outros da prof. Elisa; mais dois cheques de Amigos diferentes; e a mesma quantia de uma comunidade religiosa.

De Cabanas, com roupas, calçado e mimos — cinco contos; e o mesmo numa senhora que nunca falta no Lar à 2.ª feira para cuidar da roupa e quatro da sua irmã. Cinco, também, de outra comunidade religiosa, com lágrimas e desabaços. O mesmo valor dum reformado da Secil e 500\$ da sua sogra. Mais cinco com «respeitosos cumprimentos»; mais o mesmo numa presença em todos os Natais e ainda na casa de uma doente. Idem, de um licenciado; mais um vale;

mais um de Casal da Anunciada.

As comunidades cristãs mais pobres das redondezas partilharam connosco. São sempre os mais pobres. É lei expressa na sabedoria do Evangelho que não falha mesmo nesta área. Assim: Marateca 18.694\$; Anunciada, 10.000\$; Praias do Sado juntou-se ao Faralhão e ambas peregrinaram até nós, em dia de chuva torrencial, com mimos, roupas, calor humano e 6.930\$ daquela mais 9.450\$ desta.

Vários rapazes nossos, já casados, trouxeram as suas participações. São de todas as mais saborosas. Alguns do Brasil e dois dos Açores!

Os Vicentinos, pelo Conselho Particular, marcaram presença com três mil. Outros com dez contos, cinco, um, um

e meio e quinhentos escudos.

Os trabalhadores de várias empresas organizaram-se em quotizações carinhosas e sacrificadas e entregaram: os da Secil, 31.470\$, onde um operário reformado os foi incitar, com as suas poesias e a sua dedicação; os da Portucel, 33.950\$; os do Centro Regional de S. Social, 11.469\$ mais bolos, sanduiches e mimos da sua festa de Natal; os da Inapa, 15.023\$10; os da Lisnave: dois passeios em autocarro a Lisboa, a sua festa de Natal, um almoço aos mais pequenos e ricos brinquedos. A D. Isabel Duque mandou um vale a lamentar-se da sua reforma da S. A. P. E. C. Ela era a organizadora do movimento em favor dos gaiatos, naquela fábrica. O ano passado ainda veio um vale de 3.000\$. Espero que este ano não tenhamos sido esquecidos pois trabalham lá tantos Amigos nossos. A SAPEC foi a primeira! Os vendedores do jornal são ali acarinhados!

Somos os «usufrutuários» da Capela da Quinta das Torres, em Azeitão. Todos os ofertórios dali são para nós. Trouxe de lá 32.723\$70, mais 9.210\$.

A Socar, da Quinta do Anjo, que nos dá toda a carne que aqui comemos ao longo do ano, esmerou-se pelo Natal com o melhor que ali fabrica. Os Trabalhadores participaram com bolos, doces e dinheiro. «A Quinta do Anjo é a nossa terra» — dizem os rapazes.

As senhoras que nos vêm preparar a roupa semanalmente, ainda dividiram connosco as suas pobres economias! Deus seja bendito! D. Maria do Espírito foi depositária de muitos dons.

Palmela também, de muitos modos e por meio de muitas pessoas, sobretudo da D. Leon-tina.

Setúbal é, na verdade, o nosso maior apoio; mas ele veio do Minho ao Algarve, passando pela capital.

Na noite de Natal dormimos, eu também, na casa 2. Er-nesto mais os carpinteiros dão os últimos retoques. Na semana de 11 de Janeiro começaremos as obras na casa 3. Esperamos demorar só um ano na sua re-construção.

Padre Acílio

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

estava doente. Na secção das senhoras, o mesmo. Só duas a servir todos os dias, em cada instante.

P.e Horácio sózinho na zona de Coimbra.

P.e Luiz cansado, doente e aflito com Lisboa.

P.e Acílio pediu ajuda a P.e Carlos.

As Senhoras da Obra muito cansadas e algumas com muita idade.

Cada vez mais necessidade de recolher crianças e doentes.

Projectos?

Só estarmos e pedirmos ao Senhor que nos mande Senhoras com vocação de Mães.

Padre Telmo

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

fissional e pela qualidade do ensino». Não pensamos do mesmo modo, dado que há outras dignidades a respeitar e, salvo o devido respeito, não é sonegando as notas que se promove a qualidade. Que os Professores precisem de ver reconhecidos os seus direitos, cumprindo concomitantemente os deveres correlativos, ninguém discute; que as instalações sejam, não raro, exíguas ou degradadas, é verdadeiro; que os honorários não satisficam as necessidades julgadas mínimas, não repugna acreditar; que haja falta de mestres capazes e devidamente habilitados e conscientes das suas responsabilidades, também é verdade, ao lado de outros competentes e sacrificados que procuram, dentro do condicionalismo que lhes é imposto, dar o melhor de si próprios ao ensino e aos alunos, razão de ser dos professores e das escolas.

Há certas formas de «luta» que não podem merecer o nosso acordo. Ao longo de mais de vinte anos de trabalho na Obra, e não só, temos procurado lutar com toda a força da nossa alma pela melhoria das condições de vida dos nossos Rapazes. Foi assim com Pai Américo e assim tem sido com todos os seus discípulos. Já lá vai o tempo em que só podíamos dar à ceia um caldo forte, épocas em que não havia merenda e em que os Rapazes andavam só calçados ao domingo. Entretanto, de ruínas ou espaços vazios, que nos foram dados ou confiados, fomos procurando fornecer aos nossos habitações condignas e capazes, com água quente e fria e outras comodidades indispensáveis. Trabalhando afin-cadamente, denunciando as injustiças e, empenhadamente,

procurando promover os Rapazes, chamando a nós as canseiras e os espinhos, tanto quanto possível, eis a nossa caminhada. Nunca por mor das nossas reivindicações ou dignidade ou por falta de condições expusemos os Rapazes ou deles nos servimos como instrumento de chantagem. E, no entanto, estavam em causa mínimos vitais.

Em apêndice gostaríamos de formular uma questão. Admitida a justiça de uma greve, nem que seja só debaixo do ponto de vista jurídico, a quem não trabalhe, naturalmente, não se dá ordenado. A suspensão dum dever corresponderá a supressão do direito correlativo. No caso vertente, quando os senhores Professores se recusarem a dar as notas aos alunos — um dever — qual o direito que lhe corresponde cancelar?

Padre Luiz

Retalhos de Vida

O DANIEL



O meu nome é Paulo Daniel Lima de Aguiar. Tenho 13 anos. Nasci em Angola, donde vim há quase 5 anos com os meus tios.

Não sei quem é o meu pai. E, por cima, fui abandonado pela minha mãe aos 2 anos de idade.

Somos três irmãos: eu, o Luís, conhecido por «Linhas», que está comigo na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, e a Adelaide deve estar com a minha mãe, que fugiu de mim.

Quando cheguei a Paço de Sousa estive no hospital com uma doença na perna. Aqui tenho muito carinho e sou bem tratado por todos.

Já fiz limpeza na casa três de cima e, agora, estou no grupo da lenha.

Ando na Escola Primária e quero ser um homem, quero ser um bom serralheiro.

Daniel

O nosso Jornal

● «Junto cheque para a assinatura de O GAIATO e o resto é para o Calvário, maravilhosa Obra — como todas as de Pai Américo.

O GAIATO tem sido para mim alimento espiritual de que necessito e considero, em certas circunstâncias, mais importante do que o alimento material que leva muita gente ao descalabro moral e à podridão. Quero fugir a isso, daí O GAIATO ser um esteio forte na minha vida.

Assinante 32763»

● «Mando um vale de quinhentos escudos. Duzentos são para O GAIATO e trezentos para ajuda de alguma coisa para os mais pequeninos.

Sou pobre e velha, pois já tenho 72 anos. O mal não é ser velha, mas é quase não ver.

Vivo da minha reforma. E o pouco que dou, Deus o aceite por aqueles que não têm ninguém.

Assinante 32160»

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Chefe de Redacção: Júlio Mendes